

## **RIO GRANDE, 1918: A MORTALIDADE SUPERA A NATALIDADE**

LUIZ HENRIQUE TORRES\*

### **RESUMO**

No ano de 1918, a cidade do Rio Grande enfrentava períodos de expectativa e de turbulência em seu desenvolvimento. A retração do mercado mundial promovendo desemprego nas indústrias locais, a inauguração do frigorífico Swift, no mês de setembro, que gerou mais de mil empregos, e a epidemia de gripe espanhola, em outubro, que provocou a ruptura do cotidiano local, são fatores que são analisados neste artigo que procura uma interpretação para o fenômeno da mortalidade superando a natalidade em Rio Grande em 1918.

**PALAVRAS-CHAVE:** cidade do Rio Grande; industrialização; mortalidade; epidemia.

Os relatórios da Intendência Municipal e o jornal *Echo do Sul* (periódico que fazia sistemática oposição à administração municipal) são duas fontes que permitem a construção de uma visão preliminar sobre a cidade do Rio Grande em 1918.

A cidade continuava a passar por transformações urbanas devido ao incremento industrial que se acelerara desde a década de 1890. O surgimento da grande indústria no Rio Grande do Sul ocorreu com a tecelagem Rheingantz, fundada em 1873. A cidade que no ano de 1900 possuía 29.000 habitantes passa em 1920 para aproximadamente 50.000<sup>1</sup>. A atração por emprego nas indústrias em expansão traz milhares de pessoas de outras localidades para Rio Grande, provocando a expansão de cortiços e locais de moradia insalubre. O interessante é que esse crescimento populacional, que é o maior já registrado em toda a história da cidade até então, está acompanhado de altos índices de mortalidade que chegam a superar em alguns períodos os de natalidade. O número de falecimentos em 1916 foi de 1.218

---

\* Professor do Instituto de Ciências Humanas e da Informação – FURG

<sup>1</sup> Os dados demográficos para 1920 variam entre 46.600 e 51.000 (43.000 habitavam o meio urbano e 8.000 o rural) habitantes. Deste total 25.000 não sabem ler ou escrever. FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. *De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: FEE, 1986.

pessoas; em 1917, subiu para 1.389 óbitos. O ano de 1918 tem o mais assombroso obituário registrado desde o início do povoamento da cidade: 1.869 mortes. A versão oficial dos acontecimentos do ano de 1918 afirma: “com o diagnóstico preciso de gripe ocorreram 424 óbitos e sem declaração de *causa mortis* 235. Se considerarmos que em 1917 os óbitos sem esta declaração foram em número de 62, devemos acreditar que pelo menos 50% desses falecimentos sem declaração de moléstia foram causados pela pandemia de gripe, o que dará para este mal um total de 541 óbitos”<sup>2</sup>. Nesse ano ocorreram 20 óbitos por febre tifóide, 216 por tuberculose, 330 por moléstias do aparelho digestivo, 105 relacionadas ao aparelho respiratório, 100 devido ao aparelho circulatório, 103 do sistema nervoso e 102 afecções da infância, entre outras causas. Dos falecidos, 1.013 eram do sexo masculino e 856 do feminino; 835 eram menores de 15 anos; 1.680 eram brasileiros, 189 estrangeiros; 1.339 eram de cor branca, 269 de *cor mista* e 201 pretos; 1.269 eram solteiros, 375 casados, 194 viúvos e 31 de estado civil ignorado. A maioria dos óbitos ocorreu em domicílio (1.524); os restantes 345 ocorreram em hospitais, casas de saúde e asilos. O coeficiente diário da mortalidade foi de 5,12 e de natalidade, de 3,18 – 567 meninos e 575 meninas. O índice de mortalidade infantil era dos mais altos do mundo para aquele período, pois cerca de 50% das crianças que nasciam acabavam falecendo até os dois anos de idade, em conseqüência das precárias condições de higiene e da desnutrição. Alimentos impróprios para o consumo, como o leite deteriorado em virtude da falta de refrigeração ou mesmo adulterado, agravavam o problema. Daí que a maior causa de morte infantil era o aparelho digestivo. As precárias condições de informação e escolaridade da população adulta favoreciam as péssimas condições higiênicas nos cuidados das crianças. Entre os adultos a maior *causa mortis* está ligada aos problemas respiratórios, em especial a tuberculose pulmonar. O mesmo *Relatório* também alerta que a doença estava num processo crescente de aumento anual de vítimas e infectados: “a tuberculose, sob as suas diferentes formas clínicas, fez 225 vítimas, convindo salientar que vem aumentando de ano a ano a mortalidade por esse flagelo, contra o qual nenhuma medida de profilaxia tem sido possível tomar”. A expansão industrial, com as atividades coletivas realizadas em espaços restritos, contribuiu para a difusão e os altos índices de tuberculose.

Com o aumento populacional e as precárias condições de vida de representativa parcela da população, os problemas sociais se fazem

---

<sup>2</sup> *Relatório do capitão dr. Alfredo Soares Nascimento*. Rio Grande: Oficinas do Rio Grande, 1919 (referente ao período de 1 de julho de 1918 a 30 de junho de 1919).

sentir nos altos níveis de mortalidade.

O ano de 1918 também foi marcado por movimento grevista que frequentemente buscava melhores condições de trabalho, de salário, ou manifestava repúdio a atitudes arbitrárias. Em junho desse ano ocorre uma greve no Frigorífico Swift. Nos primeiros dias de outubro inicia uma greve na Companhia Francesa entre trabalhadores de carga e descarga de armazéns, da qual participaram trabalhadores do setor de serviços, operários de construção civil de várias obras, operários de estaleiros, estivadores, funcionários ligados ao fornecimento de energia elétrica, carroceiros e operários navais, num total de 1.100 trabalhadores. “A repressão foi violenta, com as sedes de entidades invadidas ou sendo vigiadas pela Brigada, indústrias trabalhando com garantia da polícia, bem como patrulhas policiais no porto e nos armazéns, além de intensa campanha contra os operários e suas idéias, ditas subversivas”<sup>3</sup>. Na tabela abaixo é possível observar as maiores empresas do período:

### Estatística das fábricas existentes no município em março de 1918<sup>\*</sup>

Nome da fábrica	Localização	Produtos	Pessoal empregado	Produção	Mercado
Companhia União Fabril (sucessora da Rheingantz)	Rua Rheingantz	Algodões, lãs, cobertores e ponchos	983	Lã 4.000kg diariamente; algodão 336.000kg anualmente	Brasil e Montevideu
Companhia de Tecelagem Ítalo-Brasileira	Senador Correa n°1	Tecidos de algodão branco, tinto e cru	600	2.500.000 m por ano	Brasil
Leal Santos & C.	Ruas Gen. Portinho n°1 e Aquidaban n°44	Biscoitos e conservas	300	1.500.000 latas de conservas, 300.000kg de biscoitos	RS, Norte do Brasil e Inglaterra (carnes)
Charutos Poock	Senador Correa n°51	Charutos finos e entrefinos	150	5.000.000 charutos por ano	Brasil, Argentina, Uruguai e Chile

<sup>3</sup> LONER, Beatriz Ana. O movimento operário na cidade de Rio Grande na República Velha. In: ALVES, Francisco das Neves (Org.). *O Mundo do Trabalho na Cidade do Rio Grande*. Rio Grande: FURG, 2001, p. 37.

<sup>\*</sup> Outras fábricas são citadas com um número inferior a cem trabalhadores. São fábricas de caixas de madeira, de sabão, de massas, de cervejas e gasosas, bebidas e vinagre, vassouras, fumo e café, licores, louças de barro, botões e tijeletas. In: *Relatório do capitão dr. Alfredo Soares Nascimento, 1918*.

continuação

Nome da fábrica	Localização	Produtos	Pessoal empregado	Produção	Mercado
Llopart, Mata & Cia	Boulevard 14 de Julho	Alpargatas e calçados	150	300.000 pares	RS e outros estados brasileiros
Companhia Swift	Porto Novo	Carnes e conservas	2.000	Somente entrou em funcionamento em setembro deste ano	Europa e Estados Unidos
Sociedade Comercial e Industrial Rio-Grandense	Boulevard 14 de Julho	Conservas	130	600.000 kg	Brasil e Europa

A maior parte do operariado industrial estava concentrado em algumas empresas de grande e médio porte, apesar de existir dezenas de outras de pequeno porte que empregavam entre 3 e até 40 operários. Estavam instaladas na cidade fábricas de tecidos, conservas alimentícias e biscoitos, charutos e fumos, calçados e alpargatas, cerveja e gasosa, frigorífico, além de inúmeros estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços. Para um período tão recuado no tempo em que o espaço da rua no Brasil ainda é majoritário para os homens, em Rio Grande enquanto cidade em expansão industrial, constata-se uma significativa presença do gênero feminino na classe operária.

A indústria de tecelagem é o grande fator desta significativa participação. Os dados para o ano de 1919 trazem os seguintes indicadores: na Companhia União Fabril havia 1.024 operários, sendo 370 homens e 71 meninos, com idade entre 12 a 70 anos, e 444 mulheres e 139 meninas, com idade entre 12 a 60 anos; Fábrica de Tecelagem Ítalo-Brasileira, com 600 operários, sendo 150 homens entre 20 e 50 anos e 450 mulheres entre 15 e 40 anos (salários diários em média dos homens 6\$500 e das mulheres 5\$000); Companhia Swift do Brasil, com 944 operários, sendo 896 homens com 27 anos em média e 48 mulheres com 22 anos em média; Leal Santos & C. empregava 300 operários, sendo 200 homens entre 20 e 40 anos e 100 mulheres entre 18 e 30 anos, com salários diários médios para homens de 6\$000 e para mulheres 1\$400; Companhia de Charutos Pooch, empregando 200 operários, sendo 60 homens e 140 mulheres, com salários diários entre 3\$000 e 15\$000; Llopart & C., empregando 120 operários, sendo 65 homens com idade de 12 a 50 anos e 55 mulheres entre 12 e 50 anos.

Os dados esclarecem a representativa presença feminina no operariado local, o salário inferior aos homens por elas recebido e também a presença sistemática de meninos e meninas a partir dos 12

anos de idade nas atividades industriais.

A industrialização veio acompanhada de inúmeros problemas de ordem social e urbana. Assim como em outras cidades brasileiras, as autoridades procuram adotar algumas medidas que estivessem em sintonia com os princípios da modernidade: bonde, eletricidade, instalação de esgotos, saneamento da sujeira e dos dejetos, calçamento, fornecimento de água, segurança pública, educação, embelezamento de praças. Porém, a demanda de necessidades em investimentos é maior que os recursos financeiros disponíveis e os problemas se estabelecem mais rápido do que as respostas do poder público.

O que constitui o cotidiano de quem vivia no centro urbano em 1918? Os desafios urbanos eram muitos para enfrentamento pelo poder público. Um problema que remonta ao povoamento da localidade desde 1737 estava ligado aos alagadiços e areais que traziam grandes transtornos para o deslocamento de pedestres e carroças. No mês de junho de 1918 a área de calçamento na cidade atingiu 317.000m<sup>2</sup>. Recentemente haviam sido adquiridos 78.684 paralelepípedos das pedreiras do Capão do Leão. Também foi prolongado com paralelepípedos o calçamento do *boulevard* 14 de Julho (Av. Portugal) entre as ruas Padre Feijó e Marcílio Dias até a fábrica de conservas da Sociedade Comercial e Industrial Rio-Grandense, na extensão de 996m<sup>2</sup>. Construíram-se quatro bueiros, sendo um na rua Marechal Floriano, no entroncamento com o Beco do Afonso, outro na mesma rua, no prolongamento da rua Benjamin Constant; outro na rua Riachuelo e finalmente o último ainda na rua Benjamin Constant. A imprensa denunciava as más condições de muitas ruas, como nesta matéria: “Chamemos a atenção da municipalidade para as péssimas condições em que se encontram, na sua maioria, os lugares empedrados da Cidade Nova. O trecho da rua Moron, entre Valporto e Senador Corrêa, fronteiro à Companhia de Charutos Pook e ao *Hotel Metralhadora*, está como nunca, nem mesmo antes de ser empedrado. Há ali um lamaçal permanente”.<sup>4</sup>

Conforme o Relatório de 1918, o número de construções prediais “foi no último exercício de 19, e o de reconstruções de 10, quando em época normal, como em 1913, estas foram de 60 e aquelas de 108. A enorme alta de materiais de toda espécie, motivada pela falência quase completa de transportes, trouxe esse deplorável estado de estacionamento do nosso progresso local”.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> *Echo do Sul*. Rio Grande, 9 jul. 1918.

<sup>5</sup> *Relatório do Capitão Dr. Alfredo Soares do Nascimento* apresentado ao Conselho Municipal em sessão de 2 de setembro de 1918 e correspondente ao período de 1 de julho de 1917 a 30 de junho de 1918. Rio Grande: Oficinas a vapor do Rio Grande, 1918.

Considerável área da cidade foi conquistada dos alagadiços ou das margens do Saco da Mangueira e da Lagoa dos Patos através de obras de aterramento. Com as sobras de terra das escavações para assentamento da rede de esgotos feitas em 1917, foram aterradas várias praças e ruas, tendo sido transportadas 2.936 carroças, correspondentes a 1.164 m<sup>2</sup> de areia. A cidade antiga, edificada em ruas estreitas e becoss, necessitava de remodelações e desapropriações, como ocorreu em 1918 com um prédio situado na esquina das ruas General Bacelar e Marquês de Caxias, para proceder ao alinhamento da rua atualmente chamada de Duque de Caxias. A limpeza da cidade somou 7.670 carroças de lixo, o qual foi aproveitado no aterro da rua Marechal Deodoro e *boulevard* Major Carlos Pinto à margem da Lagoa. Foram retiradas 11.807 carradas de areia das sarjetas, que serviram para aterrar algumas praças e outros logradouros públicos. Ou seja, a areia e o lixo acumulado pelas ruas da cidade eram aproveitados para aterramento.

Durante ano de 1917, o Matadouro Público abateu: 7.499 bovinos e 3.220 vacuns, com o peso líquido de 1.699.177kg; 1.628 ovelhas, 154 suínos e 36 vitelas. De 1º de janeiro a 30 de junho, a matança foi de 3.475 bovinos e 1.801 vacuns, pesando 1.057.578kg; 1.323 ovelhas, 174 suínos e 17 vitelas. Foram abatidos no mesmo período, nas fábricas de conservas Leal, Santos e C., Cia. Comercial e Industrial Rio-Grandense e de salames, 5.554 animais bovinos e 1.154 suínos. A carne era um dos principais itens da alimentação local e parte dos abates era destinada às indústrias de conservas para exportação.

O fornecimento de iluminação pública estava num período de transição com o definhamento do Gasômetro Municipal que até então fornecia luz a cidade. O fornecimento de carvão estrangeiro durante a Primeira Guerra Mundial fica restringido ou inviabilizado, impulsionando a expansão da energia elétrica. Tendo cessado a iluminação pública, o Gasômetro funcionou apenas para o serviço particular. Em 30 de junho de 1917, o número de consumidores era de 583, inclusive repartições públicas, e desceu para 479 em igual data de 1918. A praça Xavier Ferreira já estava sendo iluminada com lâmpadas elétricas e na praça do peixe (entrepósito de venda de peixe) pedia-se a instalação de lâmpada elétrica, pois as atividades começavam, no inverno, às 4 horas da madrugada.<sup>6</sup>

A instrução pública representava um desafio que exigia avanços no centro urbano e que frustrava as expectativas de escolarização no meio rural, conforme relata o Intendente Municipal Alfredo Soares do Nascimento: “Infelizmente, numerosa é ainda a população infantil que não frequenta as aulas municipais, espalhadas por todos os distritos

---

<sup>6</sup> *Echo do Sul*. Rio Grande, 6 de julho de 1918.

rurais, pois temos sempre atendido prestemente as reclamações dos moradores da campanha, criando escolas em todos os lugares onde a sua falta se faz sentir. A responsabilidade de fato tão lamentável cabe inteira a chefes de família que, numa criminoso indiferença pelo futuro dos seus filhos, deploravelmente descurando do mais sagrado dos deveres da sua missão afetiva, aproveitam egoisticamente o trabalho do braço infantil, quando a dois passos abre a escola, ávida de oferecer aos que surgem para luta da vida o maior dos bens”<sup>7</sup>. Estavam matriculados nas dezoito aulas municipais 471 alunos, sendo 180 do sexo feminino e 291 do masculino. Na sede do município, onde funcionam colégios públicos e particulares com um total de 1.131 alunos, sendo 378 do sexo feminino e 753 do masculino, a instrução fundamental “continua a ser dada com brilho e maior proveito” pelo Ginásio Municipal Lemos Júnior. Constata-se que o trabalho infantil está presente também no meio rural, onde as crianças não freqüentam a escola e trabalham nas atividades agrícolas ou campeiras.

As atividades de lazer estavam ligadas a passeios a confeitarias, cafés, restaurantes, aos cine-teatros Sete de Setembro e Politeama Rio-Grandense, clubes, bailes, caminhadas nas praças Xavier Ferreira e Tamandaré, viagens à praia de banhos do Cassino, atividades teatrais da Sociedade União Operária entre várias outras atividades lúdicas.

Nas vésperas do início da epidemia, o estado sanitário da cidade era tido como satisfatório, não se registrando nenhuma moléstia infecto-contagiosa com caráter epidêmico. Porém, ressaltava-se a altíssima mortalidade infantil: 670 foi o número de crianças mortas abaixo de 2 anos, ou seja, 48,24% dos nascimentos; dos 2 aos 10 anos, a mortalidade foi de 194 crianças. No parecer do diretor da higiene esses casos são devidos à alimentação defeituosa das crianças.<sup>8</sup>

O orçamento municipal para 1918 previa apenas 3,5% do seu total para despesas com higiene e assistência pública. Seriam gastos com segurança pública 22,4%; iluminação pública, 10,3%; instrução pública, 8,4%; gastos com a Intendência Municipal, 11,5%. Os recursos destinados a higiene, saúde e assistência evidentemente estavam muito aquém das necessidades dos milhares de habitantes de baixa renda. A Primeira Guerra Mundial, no período de 1914 a 1918, provocou desemprego na cidade, devido à retração do mercado internacional. Ocorreram períodos em que o porto e os estabelecimentos fabris

---

<sup>7</sup> *Relatório do Capitão Dr. Alfredo Soares do Nascimento* apresentado ao Conselho Municipal em sessão de 2 de setembro de 1918 e correspondente ao período de 1 de julho de 1917 a 30 de junho de 1918. Rio Grande: Oficinas a vapor do Rio Grande, 1918.

<sup>8</sup> Relatório de 1918, op.cit.

estiveram paralisados. Neste período as rendas do município decresceram “pois quase uma terça parte dos prédios da cidade antiga e nova ficou desocupada, dando-se em consequência disso, diminuição na renda da décima já por essa situação predial, já pela baixa dos respectivos aluguéis”<sup>9</sup>. A Intendência Municipal tinha expectativa de que as atividades no frigorífico Swift e o revigoramento das operações portuárias quando da transferência dos contratos da Companhia Francesa para o Governo do Estado do Rio Grande do Sul, possibilitassem o aumento da arrecadação municipal para atender múltiplos serviços na cidade.<sup>10</sup>

Dez anos antes do caos de 1918, no ano de 1908, a cidade começava a mudar o seu perfil portuário, quando a Companhia Francesa do Porto do Rio Grande assumiu uma missão de grande envergadura: a construção do Porto Novo e dos Molhes da Barra que garantisse um calado de 10 metros no canal de acesso à área portuária e a modernização do Porto Velho. Conforme o historiador Hugo Neves, que analisou a construção do Porto Novo, “do lado da cidade, foram construídos 1.543 metros de cais, para 10 metros de profundidade d’água, em um só alinhamento. Atrás do cais, aterrou-se com areia dragada uma vasta esplanada, sendo que esses terrenos ganhos foram vendidos em parte pela Cie. Française, autorizada pelo governo federal (...) Igualmente construíram 12 armazéns de 100 metros de comprimento por 20 metros de largura, sendo oito em primeira linha e quatro em segunda”<sup>11</sup>. O Porto Novo foi construído na área da Ilha do Ladino, extremo leste da cidade, região formada por pequenas ilhas e áreas inundáveis. Durante os anos da obra do Porto Novo, a Companhia Francesa empregou cerca de 4.000 pessoas. A Companhia construiu usinas elétricas que abasteciam o porto e parte da cidade e implantou bondes elétricos. O contrato previa a concessão da área por 67 anos e a renda líquida de 6% ao ano do capital empregado, o que tornava as taxas portuárias elevadas, afugentando os exportadores. Esta situação levou o governo estadual a negociar a estatização da Companhia, obtida em 25 de setembro de 1918, através do Decreto Federal nº 3.543, que autorizou a Companhia Francesa a transferir seus contratos relativos à Barra e Porto do Rio Grande ao Estado do Rio Grande do Sul. Pelo seu patrimônio, a Companhia Francesa foi indenizada com títulos da dívida

---

<sup>9</sup> *Relatório do Cap. Dr. Alfredo Soares do Nascimento*, período de 1º de julho de 1918 a 30 de junho de 1919. Rio Grande: Oficina do Rio Grande, 1919.

<sup>10</sup> Relatório de 1919, op. cit.

<sup>11</sup> NEVES, Hugo Alberto Pereira. O porto do Rio Grande no período de 1890-1930. *Revista do Departamento de Biblioteconomia e História*. Rio Grande: FURG, 1980, p. 80.

pública estadual. Porém, após a encampação, a situação anterior de altas taxas não foi superada. Do tempo da Companhia Francesa também restaram algumas casas, sendo 21 casas *pretas* destinadas aos operários especializados e mestres-de-obras e 40 casas verdes com dimensões menores e que formavam a “Vila Verde”.

Para construção do Porto Novo foram retirados mais de oito milhões de metros cúbicos de areia e lama, sendo o material depositado nos terrenos pantanosos situados entre o Porto e a cidade, pondo fim aos banhados. Nessa área surgiram mocambos e malocas, ocorrendo a ilegal ocupação a partir da década de 1920. O aterro do Porto Novo, aliado à instalação do frigorífico Swift, que foi inaugurado em setembro de 1918<sup>12</sup> e trouxe um grande número de migrantes, são fatores que levaram à ocupação daquelas terras devolutas.

Conforme Neves, o frigorífico “necessitou de muita mão-de-obra, atraindo elementos de outros municípios, transformando todo o terreno recuperado pela Cie. Française numa gigante favela, conhecida na época como Vila dos Cedros, hoje Bairro Getúlio Vargas...”<sup>13</sup>. O gado era trazido para a cidade em tropas em pé, cruzando por diversas vias da cidade. O processo de implantação da Swift foi um exemplo de intervenção estrangeira sobre a cidade do Rio Grande e a economia gaúcha. A Swift monopolizava a exportação das carnes frigorificadas, principalmente para os países envolvidos na Primeira Guerra Mundial, adquirindo matéria-prima a preço aviltado. Nem as autoridades locais, nem mesmo os proprietários de rebanhos regionais, tinham escolha sobre o que fazer ante a voracidade dos frigoríficos sobre os rebanhos rio-grandenses<sup>14</sup>. A empresa atraiu um número tão alto de migrantes para trabalhar na cidade que a forma de moradia característica até então para as classes de baixa renda, como os cortiços ou as vilas

---

<sup>12</sup> Em agosto de 1917 foram apresentadas e aprovadas as seguintes plantas para a construção dos estabelecimentos da Companhia Swift nesta cidade: edifício refrigerante, de cinco andares, tendo 48,668m de frente, 77,93m de comprimento, 21,57m de altura, alicerces de 1,50m de profundidade; edifício fertilizador, 13mx40m; edifício para depósitos de ossos e azeite, 20mx55m; edifício para matadouro, 34mx33m; edifício para manipulação de carne, 30mx33m; edifício para funilaria, 15mx35m; para usina, 18mx18m; para a bomba, 15mx36m; para escritório, apontadores etc., 16mx22m; para oficina, 13mx30m; para administração, 25mx40m. “Com prazer registro que essas edificações estão quase concluídas, devendo breve começar a fabricação de conservas de carnes”. *Relatório do Capitão Dr. Alfredo Soares do Nascimento*, apresentado ao Conselho Municipal em sessão de 2 de setembro de 1918 e correspondente ao período de 1 de julho de 1917 a 30 de junho de 1918. Rio Grande: Oficinas a vapor do Rio Grande, 1918.

<sup>13</sup> NEVES, Hugo Alberto Pereira. O porto do Rio Grande no período de 1890-1930. op. cit., p. 84.

<sup>14</sup> MARTINS, Solismar Fraga. *Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873-1990)*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2006, p. 139-146.

operárias, seria substituída por um grande conglomerado de casebres de madeira, na área compreendida entre a Swift e o Porto Novo, a leste, e o centro histórico da cidade, a oeste.

Os trabalhadores da Swift foram muito atingidos pela gripe. Já no mês de maio de 1919, mostrando que a classe operária estava *longe do paraíso*, durante a grande greve dos trabalhadores que eclodiu no Brasil, funcionários da Swift paralisaram as atividades defendendo melhores condições de trabalho. No equilíbrio entre a sobrevivência e o emprego, entre a mão-de-obra e o lucro, estruturavam-se as lógicas burguesas e as resistências dos trabalhadores num cenário social que insere Rio Grande nos ideários revolucionários anarco-sindicalistas e socialistas e nas práticas burguesas européias das primeiras duas décadas do século 20.

Naquele ano de 1918 o inverno foi gelado a ponto de matar de frio, durante a tarde, um homem que estava sentado na praça: “o infeliz sentou-se num banco da praça General Telles [atual Xavier Ferreira], talvez por não ter onde se recolher, e ali se deixou ficar até que, inteiriçado, caiu ao solo”<sup>15</sup>. No dia 24 de junho nevou na cidade durante a manhã, embranquecendo os telhados e ruas, fato que não era registrado desde 1870. Parecia um ano especial...

O jornal *Echo do Sul* registrou algumas cenas do cotidiano, são como que recortes que nos possibilitam usar o exercício da imaginação para nos aproximar do tempo passado. Temores que infelizmente persistiram ao tempo e se tornaram reais, como uma matéria sobre a proliferação do consumo de cocaína entre prostitutas e malandros do Rio de Janeiro, com a denúncia de que a droga já havia chegado à cidade, trazida em navios e distribuída na orla portuária.<sup>16</sup>

Momentos de brutalidade estão presentes nas ruas, como o covarde espancamento de animais por parte de carroceiros: “ontem, as 16 ½ horas, à rua Marechal Floriano em frente a *Pharmacia Pasquier*, um carroceiro ao serviço da empresa dos esgotos, tal pancada deu, com o cabo do relho, na cabeça dum dos seus muares, que logo o sangue jorrou em quantidade”. As matérias neste aspecto se sucedem: “Foi uma brutalidade sem nome o que hoje, exatamente as 11 ½ horas, praticou, a rua Zalony, entre General Bacelar e Marechal Floriano, um português feroz, proprietário da carroça nº 21. Devido à situação lastimável em que se encontra grande parte da cidade o veículo afundou-se num sulco ali existente, não podendo os animais tirá-lo facilmente de tão má posição. O carroceiro, então, numa revoltante exibição dos seus sentimentos de

---

<sup>15</sup> *Echo do Sul*. Rio Grande, 10 jul. 1918.

<sup>16</sup> *Echo do Sul*. Rio Grande, 2 jul. 1918.

perversidade do seu nenhum reconhecimento para com os pobres irracionais que o ajudam a ganhar a vida, entrou a esbordoá-los com tanta impiedade pela cabeça e a cabo de relho, que diversas pessoas que se lhe reuniram em torno verberaram com indignação tal proceder”<sup>17</sup>. Na época, carroça era um *veículo* e tinha até número de identificação, frente à quase ausência de veículos automotores. Hoje, as carroças disputam o restrito espaço central da cidade com mais de 60.000 veículos automotores...

O destino do grande número de cães que se espalhavam pelas ruas e praças da cidade já era fator de polêmica denunciado pelo jornal, como *A chacina dos cachorros* feita por fiscais, chamados pelos populares de *vacas-bravas*. Um circo que se apresentava na praça Dr. Pio, local tradicional de apresentações, teve um dos seus cães amestrados morto por ter sido confundido com um cão vadio. O jornal questionou: “até esses?”

Entre o trágico e o cômico, um recurso muito usado na imprensa da época, foi a notícia de um violento temporal ocorrido na cidade, quando uma faísca elétrica atingiu o fio condutor dos bondes na rua Marechal Floriano em frente à capela de São Francisco. Trabalhadores dos esgotos que ali se encontravam correram grande perigo, e um deles, “o pardo José Balduino, tal susto raspou, que deitou a correr, só parando em frente do Mercado Público”.

A miséria de algumas famílias *rio-grandenses* (só passariam a ser chamadas *rio-grandinas* em 1937) está presente no jornal, que busca o apoio de empresas e particulares buscando desenvolver um espírito de filantropia e solidariedade. “Num quarto à rua Visconde do Rio Branco, onde funcionou a casa commercial *A Flôr da Sympathia*, na Cidade Nova, mora uma família cuja miséria está a se impor à piedade de quem tem bom coração. Mora ali uma mulher convalescente ainda do tifo, e em redor dessa infeliz, que nada tem de seu, sete crianças choram de fome”<sup>18</sup>. O jornal conseguiu arrecadar roupas, alimentos e dinheiro para essa família.

Confirme Solismar Martins<sup>19</sup>, os decênios de 1910 e 20 são emblemáticos para a cidade do Rio Grande, graças aos grandes investimentos que continuaram a ocorrer na cidade (Swift, Porto Novo, Molhes da Barra) e o que isso representou em termos de valor agregado para a cidade, já que ocorreriam outros investimentos e melhoramentos na zona urbana em decorrência dos novos empreendimentos e como

---

<sup>17</sup> *Echo do Sul*. Rio Grande, 19 fev. 1918.

<sup>18</sup> *Echo do Sul*. Rio Grande, 1º de agosto de 1918.

<sup>19</sup> MARTINS, Solismar. *Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade*, op cit.

continuidade daquilo que vinha sendo realizado em termos fabris havia meio século. No começo da década de 1920 existiam 900 casas comerciais. Nessa época havia mais de duas dezenas de entidades sociais, filantrópicas e recreativas, que também congregavam diferentes comunidades de nacionalidades estrangeiras. Melhoramentos na cidade ocorreram: iluminação a gás em 1908, luz elétrica em 1915, rede de esgotos iniciada em 1917 e estendendo-se até a década de 1920. Em 1916, a Companhia Hidráulica Rio-Grandense foi encampada pela municipalidade.

A década de 1910 foi um período de grandes mudanças na cidade (Porto Novo, Molhes da Barra, obras de encanamento e frigorífico Swift) e de crescimento urbano, condição propícia para a construção de novos espaços sociais e de crises relativas às condições precárias de existência de considerável parte da população – desafios que exigem a ação do poder público frente à rápida expansão urbana em períodos de atração por emprego e renda. Na balança da qualidade mínima de vida, em Rio Grande, o ano de 1918 significou a vitória da mortalidade frente à natalidade.